

Cooperação e associação econômica de mulheres kalungas na extração e venda de sementes e frutos do cerrado: um estudo na comunidade quilombola de Monte Alegre-GO

Cooperation and economic association of Kalunga women in the extraction and sale of seeds and fruits from the cerrado: a study in the quilombola community of Monte Alegre-GO

Telma Ferreira da Costa Teles¹
Josélia Batista Dias de Souza²
Edson Arlindo Silva³

222

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar de quais formas a associação e/ou a cooperação podem ser úteis às mulheres kalungas de Monte Alegre na realização das atividades de extração e venda de sementes e frutos do cerrado no mercado. Para tanto, empregou-se uma pesquisa de campo durante o mês de dezembro de 2020 junto a duas mulheres quilombolas, referências como extrativistas do local, de modo a se aplicar uma abordagem qualitativa na análise dos dados obtidos. Pela investigação identificou-se que a cooperação e a associação econômica de mulheres kalungas ainda não acontecem de modo informal ou formal nesta comunidade, contudo, existem aquelas quilombolas que realizam atividades voltadas para o extrativismo, de forma que praticam a extração e a venda direta de sementes e frutos do cerrado sem a existência de um sistema produtivo organizado. Assim, tanto as mulheres, quanto os

¹ Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: telmaferreira93@hotmail.com

² Mestra em Gestão e Auditoria Ambiental (UNINI Puerto Rico, 2018) e Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Gestão Organizacional da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Administradora, graduada em administração pelo Centro Universitário de Goiás - Uni-Anhanguera (CUG, 2012). Atua com Consultoria e Instrutoria Empresarial e Acadêmica (DICIEA), como Docente Substituta na Universidade Estadual de Goiás (UEG), e servidora municipal (SUS) na área de Atenção Básica. Atuou como tutora no campo de Administração no Instituto Federal de Tocantins (IFTO). Tem demais experiências no setor público e privado na área de administração/gestão. Especialista em Gestão Pública Municipal (UnB, 2019), em Gestão Pública (UFG, 2018) e em Finanças (UNESA, 2014). E-mail: joseliabd@gmail.com

³ Pós-Doutor em Administração (USP, 2018), Doutor em Administração (UFLA, 2009). Professor no Programa de Mestrado Profissional em Gestão Organizacional - Universidade Federal de Catalão (UFCAT). St. Universitário, Catalão - GO, CEP: 75705-220. E-mail: edsonarlindosilva@gmail.com

Recebido em 01/04/2023

Aprovado em 01/05 /2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



demais membros da comunidade extrativista no quilombo enfrentam várias dificuldades no processo de extração dos frutos e das sementes do cerrado, bem como na comercialização dos seus produtos para os comércios locais. Nesse sentido, observou-se pela pesquisa que as práticas associativas não estão sendo devidamente utilizadas neste cenário principalmente pela carência de políticas públicas eficazes e inclusivas.

Palavras-Chave: Associativismo, Cooperativismo, Comunidade Quilombola, Economia Quilombola. Extrativismo.

Abstract: This study aims to analyze how association and/or cooperation can be useful to Kalunga women in Monte Alegre in carrying out extraction activities and selling cerrado seeds and fruits in the market. To this end, a field survey was carried out during the month of December 2020 with two quilombola women, references as local extractivists, in order to apply a qualitative approach to the analysis of the data obtained. Through the investigation, it was identified that the cooperation and economic association of Kalunga women still do not happen in an informal or formal way in this community, however, there are those quilombolas that carry out activities aimed at extractivism, in a way that they practice the extraction and direct sale of seeds and fruits of the cerrado without the existence of an organized production system. Thus, both women and other members of the extractive community in the Quilombo face several difficulties in the process of extracting fruits and seeds from the cerrado, as well as in selling their products to local businesses. In this sense, it was observed by the research that associative practices are not being properly used in this scenario, mainly due to the lack of effective and inclusive public policies.

Keywords: Associativism, Cooperativism, Quilombola Community, Quilombola Economy. Extractivism.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa limita a sua abordagem à temática cooperação e associação econômica de mulheres Kalungas na extração e venda de sementes e frutos do cerrado, tendo como ambiente de estudo a comunidade Quilombola de Monte Alegre-GO.

Compete salientar que a comunidade Quilombola, denominada de Kalunga, está distribuída entre os municípios de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre, a nordeste do Estado de Goiás, sendo composta por um quantitativo de milhares de habitantes. (IBGE, 2020).

O termo kalunga, por sua vez, tem dois significados de acordo com Baiocchi (1999), a saber: um lugar sagrado, e por outro lado, uma planta, chamada simaba ferrugínea, que existe nesta região onde o povo quilombola abrigou-se e afirmou sua identidade étnico-cultural. Em suma, é o nome atribuído às primeiras comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Quilombo Palmares na microrregião da Chapada dos Veadeiros. (UNGARELLI, 2009).

As pessoas que compõem esse grupo vivem a partir do que produzem em suas lavouras

de toco e da extração de sementes e frutos do cerrado. (COSTA, 2013).

Nesse cenário, as mulheres ocupam um importante papel, sendo aquelas que estão inseridas em diversas atividades, indo além das contribuições domésticas, essas também ajudam a trazer o sustento para os seus lares por intermédio não apenas do apoio nas roças da família como também da extração de sementes e frutos para a revenda ou troca, sendo enfrentadas limitações para ampliarem suas atividades. (BAIOCCHI, 1999).

Com isso, é importante observar que as comunidades Quilombolas, não apenas do município em estudo, mas também das demais localidades vizinhas, como é o caso das presentes em Cavalcante-GO e em Teresina-GO, enfrentam muitas dificuldades para comercializarem os produtos que cultivam ou que extraem do cerrado, principalmente pela baixa cooperação entre os seus integrantes. (VIEIRA; MONTEIRO, 2013).

A necessidade de cooperar ou associar nesse contexto coloca-se presente porque esses tipos de organizações sociais se despontam como alternativas para o desenvolvimento de comunidades rurais que sozinhas não conseguirão ter estrutura para competirem com a oferta de seus produtos num mercado tão competitivo. (SENAR, 2015).

Vale observar previamente que as práticas de cooperação e de associação são entendidas como ferramentas de enfrentamento das diferenças socioeconômicas, principalmente quando se trata dos povos do campo na esfera brasileira. (PRATES, 2013).

A cooperação e a associação econômica de mulheres Kalungas terminam por serem processos que se organizados e desenvolvidos de uma forma voltada para o desenvolvimento econômico, podem colaborar para o bem-estar social nessas comunidades, por muitas vezes esquecidas pelas políticas e ações públicas. (FARIAS, 2013).

Em comunidades tradicionais como esta presente em Monte Alegre, o associativismo e o cooperativismo podem ajudar de acordo com Drummond (1996) na busca pela minimização das barreiras comerciais em toda região, vindo isso a contribuir para crescimento econômico e a prosperidade dos Quilombolas da região.

A pergunta de pesquisa, que compreende o problema a ser respondido até o final do estudo é a seguinte: “como a cooperação e/ou a associação econômica podem ser úteis às mulheres Kalungas de Monte Alegre nas atividades de extração e venda de sementes e frutos do cerrado?”

O presente estudo tem como objetivo geral: analisar de quais formas a associação e/ou a cooperação podem ser úteis às mulheres Kalungas de Monte Alegre na realização das

atividades de extração e venda de sementes e frutos do cerrado no mercado.

Com base no objetivo geral do estudo, os objetivos específicos definidos para alcançá-lo resumem-se em: Levantar as bases teóricas relacionadas ao cooperativismo e associativismo, sementes e frutos do cerrado, bem como à dinâmica social e econômica das mulheres Kalungas nas comunidades Quilombolas; Averiguar na comunidade a dinâmica dos trabalhos das mulheres no processo de coleta e venda de sementes e frutos do cerrado; Verificar os limites, as possibilidades, bem como a percepção das mulheres extrativistas sobre associação ou cooperação econômica, em torno do que realizam; e Identificar o que mais contribui e é cabível ao padrão de vida da comunidade no que toca às ações de associar ou cooperar, a partir da opinião das mulheres Kalungas.

O tema estudado é importante porque pode ajudar a mostrar de uma forma mais específica a importância de cooperar e agir de maneira conjunta, especialmente no contexto de comunidades Quilombolas, bem como isso tende a contribuir para novos conhecimentos relacionados às melhores formas de trabalho que possam garantir a melhoria na dinâmica de vida dos povos tradicionais. (SENAR, 2015; SANTOS; CEBALLOS, 2006).

Nesse sentido, vale observar que de acordo com Figueiredo (2009), a associação ou a cooperação apresenta-se como alternativa que pode ser utilizada para corrigir a injustiça social e promover o desenvolvimento econômico para os povos rurais, que incluem também integrantes do grupo étnico Quilombola.

Considerando que as mulheres quilombolas, em especial, ocupam por muitas vezes o papel de provedoras do lar ou mesmo auxiliares de seus companheiros, e que dependem do extrativismo para obterem os seus ganhos, é fundamental analisar de que forma as práticas do associativismo e o cooperativismo são importantes para ajudá-las nessa missão em suas comunidades.

Obtém-se que o associativismo e o cooperativismo são compreendidos na esfera da união das pessoas em favor de interesses em comum, tendo em vista o melhor posicionamento de seus integrantes em favor de direitos e posicionamento no mercado, não restam dúvidas da importância de percebê-los e estudá-los no contexto das atividades das mulheres do quilombo. (SENAR, 2015).

De acordo com Costa, Oliveira e Figueiredo (2013), as atividades rurais, quando desenvolvidas e incentivadas na ótica do associativismo ou do cooperativismo, ajudam a melhorar a forma de trabalho, o processo de venda, o aumento da renda familiar, entre outros

avanços, inclusive os tecnológicos, que trazem a ampliação dos campos de trabalho, vindo a influenciar na produção de novos empregos e na permanência dos moradores em suas comunidades.

Assim, ao se analisar de que forma essas ações de associar e cooperar podem ajudar no desenvolvimento econômico das atividades que as mulheres Kalungas executam, será possível identificar, ainda, as convicções, as limitações e as possibilidades em torno da realidade apresentada.

2. REVISÃO TEÓRICA

Esta parte trata sobre a revisão teórica, efetuada a partir da aplicação da pesquisa da pesquisa bibliográfica e documental em materiais que versam sobre a temática aqui trazida, necessariamente aspectos conceituais gerais relacionados, bem como sobre a dinâmica social das mulheres quilombolas em relação ao extrativismo no cerrado.

2.1 Principais conceitos

Segundo a Comissão Nacional para o Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – CNPCT (2016, p.1):

Os povos e comunidades tradicionais extrativistas são agrupamentos pautados em culturas e valores diversos, que guardam entre si a semelhança de realizarem extração e coleta de espécies vegetais e/ou animais enquanto atividade econômica e de subsistência. São pequenos produtores que possuem suas culturas distintas, desenvolvendo seus modos de vida e de produção alinhados com a lógica do ecossistema que habitam.

Vale frisar que Diegues (2001, p.121) traz as seguintes considerações pertinentes:

As comunidades extrativistas buscam realizar uma integração entre o tradicional e o moderno por meio de uma articulação da luta pelos seus conhecimentos e sistemas de manejo com formas legais de permanência nos territórios. Essas populações reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza.

Dessa forma, compreender e estudar como essas comunidades ocupam os espaços e como utilizam os recursos naturais é de extrema importância, visto que as atividades por elas desenvolvidas visam manter suas tradições culturais e tirar seu sustento ao mesmo tempo em que são responsáveis por garantir sua preservação.

Obtém-se ainda que, em relação à mulher, esta:

[...] tem um papel importante na preservação dos direitos culturais e naturais de seu povo/de sua comunidade, pois ela contribui para o ecodesenvolvimento e para uma gestão eficiente de tais recursos, principalmente diante da necessidade dessas comunidades de se auto-sustentar economicamente no cenário local e mundial. (SACHS, 2000, p. 325).

Neste sentido, estudar a participação das mulheres Kalungas na extração e venda de sementes e frutos do cerrado e seu papel na comunidade Quilombola implica compreender as diferentes perspectivas sociais e econômicas inerentes a esta sociedade.

Sobre os Quilombolas, segundo o art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 (BRASIL, 2003, p.2):

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Por outro lado, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrário – INCRA (2020, p.1) descreve que “as comunidades quilombolas como grupos étnicos predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se auto definem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias”.

Destaca-se ainda que:

As comunidades rurais negras afro-brasileiras, denominadas quilombolas ou quilombos contemporâneos, fazem parte de uma das grandes questões emergenciais da sociedade brasileira. Ao longo do tempo, tais comunidades vêm resistindo às influências externas e lutando pela inclusão social por meio das ações de atenção integral. (REIS; GOMES, 1996; PERET, 2002; CARNEIRO, 2011 *apud* VIEIRA; MONTEIRO, 2013, p.611).

Cumprе salientar que:

Os quilombolas vivem em espaços comunitários étnicos organizados e ocupam, há séculos, diversos Estados brasileiros. Tais espaços, de vivência coletiva, contribuíram para a formação da identidade desse povo talvez, sua marca de resistência e sobrevivência no Brasil. Os quilombos contemporâneos são um espelho de um país que ainda precisa reconhecê-los como história viva e preciosa. (ANJOS; CYPRIANO, 2006 *apud* VIEIRA; MONTEIRO, 2013, p. 611).

Frisa-se a partir do que enfatizam Vieira e Monteiro (2013) que os quilombos destacam na história nacional os resquícios das marcas deixadas pelo sistema escravocrata predominante por séculos no Brasil, de modo que esses ajudam a estabelecer entre os negros afrodescendentes

o sentimento de pertencimento, de fortalecimento da cultura, de afirmação e valorização da diferença identitária que possuem.

Em relação aos Kalungas, povos quilombolas especialmente inseridos na microrregião da Chapada dos Veadeiros, no Estado de Goiás há peculiaridades que valem a pena serem consideradas:

Construída pela comunicação oral, a história do quilombo Kalunga ainda guarda segredos. Para entendê-la é preciso voltar no tempo, quando no Brasil não havia estradas, nem liberdade. É preciso primeiro compreender a conjuntura econômica do Brasil no século XVII. Nesse período a Coroa portuguesa passava por um enfraquecimento econômico em decorrência de sucessivas guerras e havia perdido algumas de suas colônias no território asiático. (CÂNTIA; BOLONI, 2004, p.2).

Quando reporta-se ao contexto histórico do povo quilombola em Goiás tem-se que:

O africano foi o elemento principal que possibilitou a colonização do vasto território goiano; com seu trabalho nas minas, abarrotava os cofres da Coroa Portuguesa (Inglaterra, França, etc), permitia abastança dos senhores e deitava na terra as sementes da sobrevivência do homem, implementando a lavoura que mais tarde floresceria. O africano ou afro-brasileiro foi o elemento civilizador [...] (BAIOCCHI, 1999, p. 28).

E foi assim que surgiu o quilombo no sertão goiano, que abriga hoje, cerca de 4.500 pessoas, na zona rural dos municípios de Teresina de Goiás, Cavalcante e Monte Alegre. Com o tempo, se acostumaram e se ambientaram com o sertão goiano. Venceram as dificuldades do caminho e as condições precárias que o ambiente oferecia, descobrindo ao mesmo tempo que poderiam utilizar os recursos ali disponíveis para a reconstrução de suas vidas.

Quanto ao termo Cooperativismo, vale considerar que:

Cooperar é unir-se a outras pessoas para enfrentar juntas situações adversas, transformando-as em oportunidades e situações de bem-estar econômico e social. Cooperativismo é um movimento internacional cujo objetivo é libertar o homem do seu individualismo por meio da cooperação entre as pessoas. (FIGUEIREDO, 2009, p.10).

Para Farias e Gil (2013, p.2) o Cooperativismo pode ser definido como “uma doutrina econômica e social, que se fundamenta na liberdade, no humanismo, na democracia, na solidariedade, na igualdade, na racionalidade e no ideal de justiça social”.

Por outro lado, Santos e Ceballos (2006, p.1144) defendem que “o Cooperativismo nada mais é que uma associação de pessoas unidas a fim de cooperar umas com as outras, visando à solução de problemas econômicos por meio da solidariedade humana”.

Destaca-se ainda que:

O sistema cooperativista é um empreendimento sócio-econômico poderoso contra a exclusão social, é uma solução potencial frente ao desemprego, seja de agricultores

rurais, artesões ou de qualquer pessoa que se una a outras para obter maiores benefícios na busca de uma forma de estar novamente ativa no mercado. (SANTOS; CEBALLOS, 2006, p.1145).

Portanto, ao estudar esta forma de organização baseada em solidariedades locais, percebe-se que o cooperativismo insere-se no meio de uma comunidade Quilombola através da ajuda mútua, buscando a inserção desses grupos historicamente subalternizados no mercado global, criando alternativas de ocupação e renda.

O Associativismo, por sua vez, é:

[...] uma forma de organização social que se caracteriza pelo seu caráter normalmente de voluntariado, pela união de dois ou mais indivíduos que buscam o atendimento da satisfação das necessidades individuais humanas, ou seja, a melhoria da qualidade de vida. (SENAR, 2015, p.124).

E ainda, cabe frisar que:

Em sentido amplo, o associativismo reporta-se à livre organização de pessoas, sem fins lucrativos, com o intuito de buscar o preenchimento de necessidades coletivas ou o cumprimento de objetivos comuns, por meio da cooperação. Um significado mais específico do termo associativismo refere-se à prática social da criação de associações, como entidades jurídicas, formais ou informais, reunindo pessoas físicas ou organizações para a representação e a defesa de interesses dos associados. (SALOMON, 2009 *apud* SISTEMA FIEG, 2020, p.1).

Para Prattes (2013, p.1):

O associativismo é o princípio para o crescimento de uma sociedade. [...]. Regido por princípios de liberdade, democracia e solidariedade - uma vez que a adesão é tão livre quanta a saída - é baseado na igualdade entre seus membros e representa a congregação de esforços dos associados em torno de interesses comuns.

Por fim, não restam dúvidas de que:

Associar-se tem sentido de unir pessoas na defesa dos seus interesses. O associativismo nasceu da necessidade de os homens somarem seus esforços para alcançar um propósito em comum. No princípio este objetivo era a sobrevivência da espécie humana. Posteriormente, transformou-se na necessidade de enfrentar as mudanças impostas pelo sistema econômico mundial. (COSTA; OLIVEIRA; FIGUEIREDO, 2013, p.5).

Nesse sentido, o termo associativismo manifesta a correlação entre pessoas com interesses comuns, que atuam em grupo, promovendo soluções dos seus problemas ou necessidades. O associativismo permite uma comunidade ter maior expressão social e buscar melhorias que colaborem com o desenvolvimento local, desempenhando ações que contribuam para o crescimento da comunidade.

Por último, tem-se o termo extrativismo que é “uma maneira de produzir bens, em que, os recursos naturais úteis são retirados diretamente da sua área de ocorrência natural. A caça, a pesca e a coleta de produtos vegetais são os três exemplos clássicos de atividades extrativas”. (DRUMMOND, 1996, p.1).

Na agricultura de caráter familiar, as análises mostram que o trabalho é desenvolvido tanto por homens quanto por mulheres, porém quase sempre o trabalho das mulheres são invisibilizados dando a elas pouca autonomia em relação aos recursos gerados, no extrativismo o trabalho das mulheres tem sido examinado em perspectivas diferenciadas.

2.2 O extrativismo das sementes e dos frutos do cerrado como alternativa sustentável e econômica

O extrativismo vem sendo identificado como uma importante alternativa sustentável no que toca às atividades econômicas em comunidades tradicionais, com isso, de forma sumarizada este subtítulo identificará alguns aspectos relacionados.

Tem-se que:

Atualmente, o mundo busca alternativas para reduzir as emissões de gases poluentes para a atmosfera substituindo combustíveis fósseis por biocombustíveis. Várias espécies do cerrado como a macaúba (*acromiiaaculeata*), tucumã (*astrocariumapp.*), Fevilha (*fevilleatrilobata*), pequi (*arryocar são.*) Vêm se despontando nas pesquisas como espécies de alta produtividade e óleos destinados à fabricação de biocombustíveis, para alimentação e uso na indústria de óleo química. (JUNQUEIRA *et al*, 2012, p.2).

Assim, percebe-se que o mundo está atento às catástrofes que vêm acontecendo no meio ambiente, enfim, e através de pesquisas o homem vem descobrindo o biocombustível como uma alternativa a ser explorada a partir de práticas de extrativismo no cerrado.

Quando trata-se de extrativismo no cerrado observa-se que:

Entre as frutíferas, as espécies mais procuradas atualmente, em ordem de importância são pequi(*carryocarapp.*) Mangaba (*hancorniaapp.*), Araticum (*annonacrassiflora*), caju do cerrado (*Ancardiumapp.*), Maracujás nativos, baru (*Dipterixalata*), cagaita (*Eugenia dysenterica*). Mas recentemente, a macaúba voltou a ser procurada para extração de óleos e fabricação de sorvetes. (JUNQUEIRA *et al*, 2012, p.2).

Portanto, entende-se que há várias espécies do cerrado de suma importância para a sociedade atual, principalmente para as comunidades tradicionais, inclusive no que reporta-se ao uso de vários dos frutos desse bioma como insumo produtivo no ramo alimentício, como é o caso da mangaba, do araticum, do caju do cerrado e da macaúba, entre outros.

2.3 A dinâmica social e econômica das mulheres kalungas nas comunidades quilombolas: relação com as atividades de extrativismo

Neste subtítulo destaca-se brevemente um pouco da dinâmica das mulheres kalungas. Em princípio, tem-se de acordo com Godinho (2008) que essas possuem vasta interação com as práticas extrativistas no bioma Cerrado, de modo que a natureza é utilizada de forma sustentável.

Obtém-se que:

Para entender o universo dessas mulheres, foi necessário ir além das aparências e analisar uma série de elementos nem sempre visíveis, subjacentes a seu cotidiano, sejam eles no modo de vestir, na linguagem, na história e no relacionamento da comunidade com o mundo externo. (GODINHO, 2008, p.13).

De tal modo, compreende-se que há uma grande diversidade nas práticas culturais das mulheres kalungas, o que traz em si uma ampliação do conhecimento do povo quilombola, vindo isso a qualificar e a valorizar seus saberes tradicionais.

Assim, as práticas culturais sustentadas por esse quilombo colocam em evidência sonhos, desejos, relações de poder, relações entre homens e mulheres, relações de mulheres com mulheres e ajudam a dar visibilidade a vida sociocultural, que ali se desenrola, ou seja, aspectos que identificam o grupo como organização social quilombola, que de acordo com a definição dada pela ABA. (GODINHO, 2008, p.13).

Compreende-se por isso que as referidas práticas culturais terminam por colocar em ênfase muitos dos desejos daquela comunidade quilombola, em que considera-se a peculiaridade e a organização de cada grupo social que forma este povo.

2.4 O Associativismo e cooperativismo no fortalecimento das atividades econômicas de comunidades Quilombolas

O Associativismo e o Cooperativismo são identificados como formas de organização que têm entre os objetivos o fortalecimento de atividades econômicas na sociedade em geral, e possuem de acordo com Santana *et al* (2019) um papel ainda mais crucial quando se trata de comunidades tradicionais, como bem é o caso dos quilombolas.

Tem-se que “o associativismo é uma forma de cooperação mútua entre diferentes grupos. São formas instituídas legalmente adotadas por movimentos, entidades, grupos comunitários, entres outros”.

Por outro lado observa-se que:

A cooperação é um dos princípios básicos das associações [...] é uma maneira de superar os limites pessoais do ser humano, a exemplo do individualismo. É, sobretudo, uma forma de organização política e social das pessoas que envolvem diálogos, respeito à diversidade e ao trabalho coletivo. (CHRISTOFFOLI, 2012 *apud* SANTANA *et al*, 2019, p.5418).

Por conseguinte, tem-se que o associativismo está ligado ao cooperativismo, de modo que ambos consistem na organização de pessoas sem fins lucrativos. E quando trata-se sobre a cooperação este é um dos principais atos praticados na comunidade quilombola, de modo a evitar-se atitudes de individualismo.

3. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

O presente capítulo trata dos métodos e técnicas que foram empregadas durante a realização da pesquisa relacionada à temática: Cooperação e associação econômica de mulheres kalungas na extração e venda de sementes e frutos do cerrado no âmbito da comunidade Quilombola de Monte Alegre-GO.

3.1. Tipologia e descrição geral dos métodos de pesquisa

Na realização deste estudo foram utilizadas os seguintes tipos de pesquisa, com base nas definições de Silveira e Córdova (2009):

Quanto à abordagem – Esta pesquisa foi qualitativa que “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.31). Portanto, através dessa pesquisa tornou-se mais fácil compreender o modo de vida social da comunidade quilombola e como são organizadas as atividades de cada grupo nas práticas extrativistas.

Quanto à natureza - Esta pesquisa foi aplicada, a qual “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.31). Com isso, o estudo visa contribuir para a busca de soluções aos problemas ou dificuldades enfrentadas pela comunidade quilombola no que tange às formas de organização para extração e venda de sementes.

Quanto aos objetivos – Esta pesquisa foi exploratória, uma vez que esta “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito

ou a construir hipóteses”. Portanto, isso deu-se a partir de uma pesquisa de campo para se conhecer os reais os problemas que a comunidade vem enfrentando, e quais são as maiores dificuldades na extração e venda de sementes no grupo quilombola.

Quanto aos procedimentos - Esta pesquisa foi bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa bibliográfica “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.37). Assim, esta ocorreu por buscas em livros, em artigos científicos de revistas qualificadas, em web sites oficiais. A pesquisa documental concretizou-se pela análise da legislação referente, portanto, foram estudadas outras bases teóricas já existentes relacionadas à temática em questão.

A pesquisa de campo “caracteriza-se pela investigação em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com os recursos de diferentes tipos de pesquisa [...]”. (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.37). Esta foi executada através de entrevista, enfim, tendo a participação de mulheres Kalungas envolvidas na comunidade quilombola investigada.

3.2. Caracterização da área *locus* e indivíduos do estudo

O presente estudo será desenvolvido no contexto da comunidade quilombola Kalunga do município de Monte Alegre, localizado na região nordeste de Goiás.

A referida cidade tem uma população estimada em 8.684 habitantes e ocupa uma área geográfica de 3.119,808 km². (IBGE, 2020).

Sobre a comunidade quilombola tem-se que esta é constituída por centenas de famílias, está compreendida na parte oeste desta região, onde vivem do cultivo do solo, portanto de atividades típicas da agricultura familiar. (TAKAHASHI; ALVES, 2015).

Neste estudo, como trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, ao invés de trabalhar com população e amostra, optou-se por trabalhar com participantes. Com isso esse estudo teve como participantes dois agricultores rurais quilombolas do referido município.

3.3. Caracterização e descrição das técnicas e instrumentos de pesquisa

Neste estudo foram utilizados a seguinte técnica e instrumento para o processo de coleta de dados:

Entrevista semiestruturada – Na qual “o pesquisador organiza um conjunto de questão (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal”. (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.72). Tal entrevista ocorreu com dois agricultores familiares do quilombo.

Roteiro de entrevista – Que “é uma lista dos tópicos que o entrevistador deve seguir durante a entrevista”. (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.73). Com isso o roteiro desta pesquisa conteve cinco perguntas inerentes ao tema que norteou a entrevista.

3.4. Procedimentos de coleta e de análise de dados

Adotou-se os seguintes procedimentos na fase de coleta de dados:

Na pesquisa bibliográfica – Feita através de levantamentos de referências teóricas, com o propósito de aprofundar mais o tema estudado.

Na pesquisa de campo – Realizada a partir das coletas de dados, junto com a comunidade quilombola. Com o objetivo de se conhecer melhor a comunidade quilombola.

Já na fase de análise de dados foram realizados os seguintes procedimentos:

Análise de conteúdo - Efetuada a partir de interação entre os elementos achados na pesquisa e os embasamentos teóricos estudados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Dinâmica da participação das mulheres quilombolas no extrativismo do cerrado

Quanto à pergunta “como você, mulher, participa das atividades de coleta e vendas de sementes e frutos de cerrado em sua comunidade?” Obteve-se os seguintes resultados a partir das percepções das mulheres quilombolas, aqui chamadas de entrevistada L e de entrevistada V:

Quadro 1 – Dinâmica das atividades de extração pelas mulheres quilombolas

Tipo de Extração	Forma de preparo/processamento	Finalidade
Algodãozinho	Tira-se a raiz, coloca-se para secar e retira-se o pó.	Tratamento de úlcera, problemas no ovário, útero.
Baru	Tira-se a seiva	Antibiótico natural, impotência sexual.
Sicupira	Extrai-se o óleo	Tratamento de próstata, gripe, câncer no ovário.
Jatobá	Tira-se a seiva	Tratamento de tosse, cistite, hepatite, bronquite, anemia, feridas, úlcera na boca, diabete.
Mangaba	Faz-se doces	Vende-se para comunidade local, para ajudar nas finanças da casa.

Fonte: Os autores (2020).

Pelos achados quanto à dinâmica extrativista das mulheres quilombolas evidencia-se importante potencial produtivo e comercial de suas atividades, considerando-se que as espécies do cerrado colhidas estão repletas de propriedades medicinais, capazes de atrair os consumidores pela agregação de valor que trazem. Doutra lado, essas práticas são passíveis de aplicação do associativismo ou do cooperativismo, como bem discorre o estudo de Costa, Oliveira e Figueiredo (2013), no qual aponta-se a relevância de se aproveitar as oportunidades de negócio pela união de objetivos entre os indivíduos de determinado grupo social.

4.2. Realidade da cooperação econômica na comunidade quilombola

Foi trazida às participantes a questão “como a cooperação econômica está sendo desenvolvida no meio da comunidade, enfim, já existe alguma associação ou cooperativa específica para que as mulheres quilombolas locais envolvam-se mais na coleta e venda de produtos do cerrado? Para esta obteve-se de acordo as entrevistadas L e V que:

- 1- Não há nenhuma cooperativa específica para esses fins na comunidade;
- 2- Essas coletas são feitas por conta própria;
- 3- Tudo que é extraído do cerrado é feito individualmente;

As informações obtidas através das quilombolas extrativistas servem para sustentar aspectos observados por Salomon (2009) e Prattes (2013) em torno das dificuldades encontradas para a concepção das práticas de associativismo e de cooperativismo na sociedade como um todo, principalmente no âmbito de grupos sociais menos favorecidos. E no caso das mulheres do quilombo, percebe-se a carência dessas formas de organização social no que tange à geração de independência, emprego e renda para esse grupo.

Doutro modo, cumpre apontar que no Brasil não há ainda política pública eficaz voltada para o incentivo às práticas associativistas de produção da agricultura familiar ou do extrativismo, de tal maneira o investimento do governo é muito escasso, quando se trata do apoio a esse processo.

4.3. Percepção das mulheres quilombolas sobre as práticas de cooperação e associação no âmbito do extrativismo do cerrado

Apresentou-se às participantes a seguinte questão: “como os atos de cooperar ou de associar são vistos na sua comunidade quilombola? De que forma cada um é influenciado por isso? Você, mulher, o que acha dos atos de cooperar/associar, isso é positivo ou negativo?” Para este complexo de questionamentos obteve-se a partir dos relatos das entrevistadas que:

1-Se houvesse alguma associação ou cooperativa esta seria vista de forma positiva, pois só assim ter-se-ia maior facilidade de comercialização dos produtos na comunidade;

2-Os atos de cooperar ou de associar são vistos de forma necessária, e são pontos positivos, pois só assim haveria um local destinado para fazer as vendas e ganhar as rendas extras;

3-Esses atos de organização podem incentivar as mulheres quilombolas da região a utilizarem o cerrado de forma sustentável.

A partir do que observa-se nos apontamentos trazidos por meio das quilombolas extrativistas, evidencia-se que as práticas de associativismo e de cooperativismo são entendidas como positivas para o desenvolvimento do comércio dos produtos oriundos do extrativismo do cerrado, o que inclui as atividades das mulheres e da comunidade como um todo. Tais percepções de acordo com o Figueiredo (2009) são relevantes para o início da cultura associativista numa sociedade, bem como para o fortalecimento dos princípios relacionados a isso, considerando-se que esses abrangem a união de indivíduos em prol de objetivos em comum e o desenvolvimento social e econômico local.

4.4. Dificuldades e conquistas no extrativismo do cerrado: o associativismo e o cooperativismo como ferramentas

Fez-se às participantes os seguintes questionamentos: Quais as dificuldades e as conquistas que você consegue identificar quando o assunto é a coleta e a venda de frutos e sementes cerrado pelas mulheres do seu quilombo? Você acha que a cooperação/associação entre vocês ajudaria ou prejudicaria as atividades? Para este complexo de questões obteve-se que:

1-Há dificuldades encontradas na hora da coleta dos frutos como: trechos de difícil acesso às frutíferas;

2-Dificuldade na hora da venda, pois não se acha comprador para os produtos e os comércios locais não compram nada sem o selo de garantia;

3-Difícil acesso do quilombo para a cidade, pois não são todos que têm veículos para transportarem os seus produtos;

4-Conquistas há quando se consegue vender os produtos e esses trazem uma renda extra para casa;

5-Uma associação na comunidade além de ajudar, também aumentaria a produção na comunidade;

6-Uma cooperação ajudaria bastante, só assim teríamos um local certo para expor os nossos produtos.

Ao se considerar a situação tanto das mulheres quilombolas, quanto da comunidade específica, enumera-se que muitas dificuldades existem para que as práticas econômicas desenvolvam-se de modo adequado, limitações estas que de acordo com Anjos e Cypriano (2006) costuma acompanhar a realidade de muitos povos tradicionais brasileiros.

Doutra forma, cumpre ressaltar que quanto ao associativismo e ao cooperativismo como ferramentas de organização e de fortalecimento do trabalho e da economia quilombola as próprias mulheres quilombolas reconheceram a relevância dessas atividades, o que relaciona-se com a visão de Farias (2013), que reconhece em seu estudo a influência de tais métodos na transformação social.

Enfim, entende-se que a partir das práticas associativistas / cooperativistas, se desenvolvidas no meio rural, pelas mulheres e demais extrativistas locais, será possível a permanência de cada família nesse contexto, vindo isso a fortalecer e a potencializar segundo Santos e Ceballos (2006) a transformação na sociedade, mudando assim o modelo de produção no campo.

4.5. Perspectivas em torno das práticas de cooperação e associação nas atividades extrativistas de mulheres quilombolas

Fez-se os seguintes questionamentos às entrevistadas: O que falta para que as mulheres extrativistas quilombolas de Monte Alegre consigam ter sucesso em suas atividades? O que há de recursos tecnológicos e entre outros que favoreçam suas práticas? Para esses obteve-se que:

- 1-Falta ter uma política pública voltada para as mulheres quilombolas do município;
- 2-Falta ter mais incentivo do governo;
- 3-Falta criar uma associação ou cooperativa destinada para as mulheres quilombolas kalungas;
- 4-Não há nenhum meio tecnológico, apenas o celular para comunicação e potencial divulgação dos produtos, como os óleos que são feitos manualmente;
- 5-O governo precisa dar mais atenção à comunidade;

Conforme relatos das mulheres extrativistas as políticas públicas deficitárias, bem como a ausência de entidades formais específicas (cooperativas e associações) em muito atrapalha a consecução dos objetivos inerentes a essas práticas empreendedoras. Por outro lado, o ambiente de comercialização agroecológica, que em muito contribui para o empoderamento do povo do cerrado esbarra-se nesses entraves, o que pode ser fortalecido através de políticas públicas mais abrangentes. (GIUSTINA, 2013; SENAR, 2015).

A situação em pauta mostra a necessidade de se ter uma cooperativa ou associação destinada para as mulheres e demais moradores do quilombo, o que pode diminuir a necessidade de saírem de seus espaços para comercializarem seus produtos.

4.6. Proposições em torno da cooperação e da associação de mulheres quilombolas no extrativismo do cerrado

Tendo em vista as necessidades averiguadas nesta pesquisa em torno do associativismo e do cooperativismo nas práticas extrativistas de mulheres quilombolas, ficam as seguintes proposições, com base em estudos constituídos em Senar (2015), Figueiredo (2009), Farias (2013), Homma e Costa (2012), entre outros:

-As mulheres precisam se mobilizar de forma a reunirem-se no momento apropriado para refletirem práticas empreendedoras e associativistas a fim de potencializarem as atividades extrativistas;

-Uma sugestão é a busca pela formalização de uma associação de mulheres quilombolas extrativistas, considerando ser um modelo de atividade mais simples para formalizar e gerenciar do que uma cooperativa.

-Disponibilização de formações e aperfeiçoamentos específicos para mulheres e comunidade, de maneira a desenvolver a autogestão na produção e na comercialização dos produtos oriundos do extrativismo, ao mesmo tempo em que o trabalho é realizado juntamente com as respectivas famílias.

-As mulheres quilombolas devem expor as suas dificuldades a partir de reuniões com os governantes locais, buscando assim soluções inerentes a problemas como: grandes entraves na comercialização de seus produtos extraídos do cerrado, incentivos ao associativismo, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho foi possível perceber que as mulheres extrativistas da comunidade quilombola enfrentam grandes dificuldades para a comercialização de seus produtos, o que se deve principalmente à baixa cooperação entre esse público. Vale ressaltar, também, que ali existem várias famílias que vivem em condições precárias, havendo uma grande necessidade de uma associação destinada às mulheres quilombolas daquela comunidade.

Portanto, observou-se ser necessário haver maior incentivo e atuação dos governantes em prol da elaboração de uma política pública, voltada para a comercialização dos produtos extraídos do cerrado a partir do associativismo e/ou cooperativismo, trazendo assim mais benefícios para a comunidade quilombola, especialmente para o público feminino.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, J. **Associativismo e Cooperativismo**. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2004.

ANJOS, R.S.A.; CYPRIANO, A. (Orgs.). **Quilombolas: tradições e cultura da resistência**. São Paulo: Aori, 2006.

BAIOCCHI, D. N. **Kalunga: Povo da Terra**. Brasília: Ministério de Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

BAIOCCHI, M. D. N. Kalunga: a sagrada terra. **Revista da Faculdade de Direito da UFG**, Goiânia, v. 19/20, n. n.1, p. 107-120, Jan/Dez 1996.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil (1988)**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010, 104p.

BRASIL. **Uma história do povo kalunga**. Secretaria de Educação. Fundamental. Brasília: MEC; SEF, 2001, 120 p.

CÂNTIA, A.; BOLONI, L. **Kalunga, uma remanescente de quilombo no sertão de Goiás**. Rota Brasil Oeste, maio, 2004.

CARNEIRO, E. **O Quilombo dos Palmares**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

COSTA, M. S. C.; OLIVEIRA, A. C. S.; FIGUEIREDO, R. J. L. **Associativismo**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Instituto Centro de Ensino Tecnológico - CENTEC, 2013.

COSTA, V. S. **A Luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo). Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2013.

DIEGUES, A. C. **Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais**. In: DIEGUES, A. C.; MOREIRA, A. C. (org.). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB, USP, 2001.

DRUMMOND, J. A. A extração sustentável de produtos florestais na Amazônia brasileira: vantagens, obstáculos e perspectivas. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 6, p. 115 – 137, 1996.

EMPERAIRE, L.; LESCURE, J. P. **A floresta em jogo: o extrativismo na Amazônia central**. In: Emperaire, L. São Paulo: UNESP, 2000.

FARIAS, G. **Cooperativismo**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia; Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Técnico Industrial de Santa Maria; Rede e-Tec Brasil, Pelotas, 2013.

FIGUEIREDO, N. T. C. **Cooperativas Sociais: Alternativa para Inserção**. Porto Alegre: Evangraf, 2009.

GODINHO. T. M. **O Lugar Da Mulher No Quilombo Kalunga**. Dissertação. Pontífica Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. São Paulo: PUC, 2008, 156fls.

GIUSTINA, C. C. D. **Degradação e conservação do cerrado: uma história ambiental do estado de Goiás.** Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2013, 210 p.

HOMMA, A. K. O. **A (ir)racionalidade do extrativismo vegetal como paradigma de desenvolvimento agrícola para a Amazônia.** In: Costa, J. M. M. (Coord.). *Amazônia: desenvolvimento ou retrocesso.* Belém: CEJUP, 1992. p. 163-207.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Monte Alegre.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/monte-alegre-de-goias.html>. Acesso em: 01 ago. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). **Quilombolas,** 2020. Disponível em: < <http://www.incra.gov.br/pt/quilombolas> >. Acesso em: 02 ago 2020.

LIMA, F. A. X.; VARGAS, L. P. Alternativas socioeconômicas para os agricultores familiares: o papel de uma associação agroecológica. **Rev. Ceres,** Viçosa, v. 62, n.2, p. 159-166, mar-abr, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-737X201562020005>

O'DWYER, E. C. **Quilombos – identidade étnica e territorialidade.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

PERET, B. **O Quilombo dos Palmares.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

PRATTES, C. M. **Associativismo: o princípio do fortalecimento das profissões,** 2013. Disponível em: < <http://www.fiepr.org.br/sindicatos/sindirepag/News3263content205461.shtml> > Acesso em: 01 ago 2020.

REIS, J. J.; GOMES, F. S. (Orgs.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SALOMON, A. V. A visão do associativismo. In: LENZI, F. C.; KIESEL, M. D. (Org). **O empreendedor de visão.** São Paulo: Atlas, 2009.

SANTOS, C. C. M.; CEBALLOS, Z. H. M. **A importância do cooperativismo.** 2006, 45 f. Tese (Doutorado). Curso de Ciências Sociais, Universidade do Vale do Paraíba/faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Vale do Paraíba, 2006.

SANTANA, A. S.; SILVA, G. C; JORGE, H. S; LIMA, A. S. O papel do associativismo em uma comunidade quilombola e a importância do protagonismo juvenil no campo. In: **Seminário Gepráxis,** Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 7, n. 7, p. 5416-5426, maio, 2019.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL (SENAR). **Associativismo, cooperativismo e sindicalismo.** PRONATEC – Programa nacional de acesso ao ensino técnico e emprego. Rede ETec Brasil. SENAR, Brasília, 2015.

SILVA, M. T. G. **O ofício do raizeiro: saberes e práticas integrativas em comunidades tradicionais quilombolas Kalunga** [manuscrito]. Dissertação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia: UFG, 2019, 191 f.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Unidade 2 – a pesquisa científica. In.: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

SISTEMA FIEG. **O que é Associativismo?** Disponível em: <http://www.fiepr.org.br/para-sindicatos/pda/o-que-e-associativismo-1-20743-320690.shtml>. Acesso em: 01 out. 2020.

UNGARELLI, D. B. **A comunidade Quilombola Kalunga do Engenho II: cultura, produção de alimentos e ecologia dos saberes**. Dissertação. Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2009, 83p.

VIEIRA, A. B. D; MONTEIRO, P. S. Comunidade quilombola: análise do problema .persistente do acesso à saúde, sob o enfoque da Bioética de Intervenção. **Saúde em Debate**. Rio de Janeiro, v. 37, n. 99, p. 610-618, out/dez 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-11042013000400008>